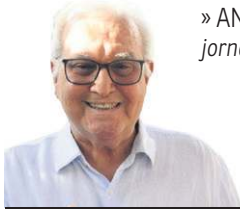


O dia seguinte



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
jornalista

A campanha eleitoral esconde a realidade da economia brasileira. O Brasil não vive o pior dos mundos, nem está na beira do desastre. Mas a situação das contas nacionais não é confortável. O próximo presidente terá que enfrentar a dificuldade do forte desequilíbrio nas contas nacionais. O país é altamente deficitário. A dívida ultrapassou R\$ 10 trilhões, situação que consome o esforço brasileiro com juros extremamente elevados. É preciso reduzir o endividamento para colocar as taxas em nível civilizado. O índice de crescimento da economia nacional neste ano deverá ficar abaixo dos 2%. E no próximo ano vai se repetir, segundo estimativas oficiais. Recessão à vista.

O governo Lula repete os atos de seu antecessor, no esforço de vencer a eleição de outubro. A crise internacional, resultante da guerra entre Estados Unidos e Irã, jogou o mundo em situação crítica. O preço do petróleo tem aumentado bastante (Trump e seus amigos estão ganhando muito dinheiro). Eles brigam no Oriente Médio e os brasileiros pagam parte das contas. Os acionistas da Petrobras gostam da crise. Estão recebendo generosos rendimentos com as sucessivas elevações do preço do barril de petróleo. Mas no sentido inverso, o governo Lula subsidia o preço dos combustíveis com objetivo de conter a inflação no país. No diesel importado, o governo paga subsídio de R\$ 4 bilhões/mês. No diesel

produzido no Brasil, R\$ 3 bilhões/mês. Na gasolina R\$ 1,2 bilhão/mês. No gás de cozinha, R\$ 11 por botijão, ou R\$ 339 milhões/mês. Esses valores foram anunciados oficialmente pelo governo.

Os candidatos não falam sobre a situação econômica do país. Preferem tratar de temas genéricos importantes, mas não essenciais. Nenhum deles anuncia projetos, plano de metas ou para desenvolvimento do país. É a cultura do subdesenvolvimento que prefere dar destaque a assuntos periféricos para não tratar do principal. Um dos candidatos será eleito ao contrário. Pela negativa. O que conseguir menor índice de rejeição vencerá o pleito. Nessa perspectiva, Lula pode ser eleito até mesmo no primeiro turno.

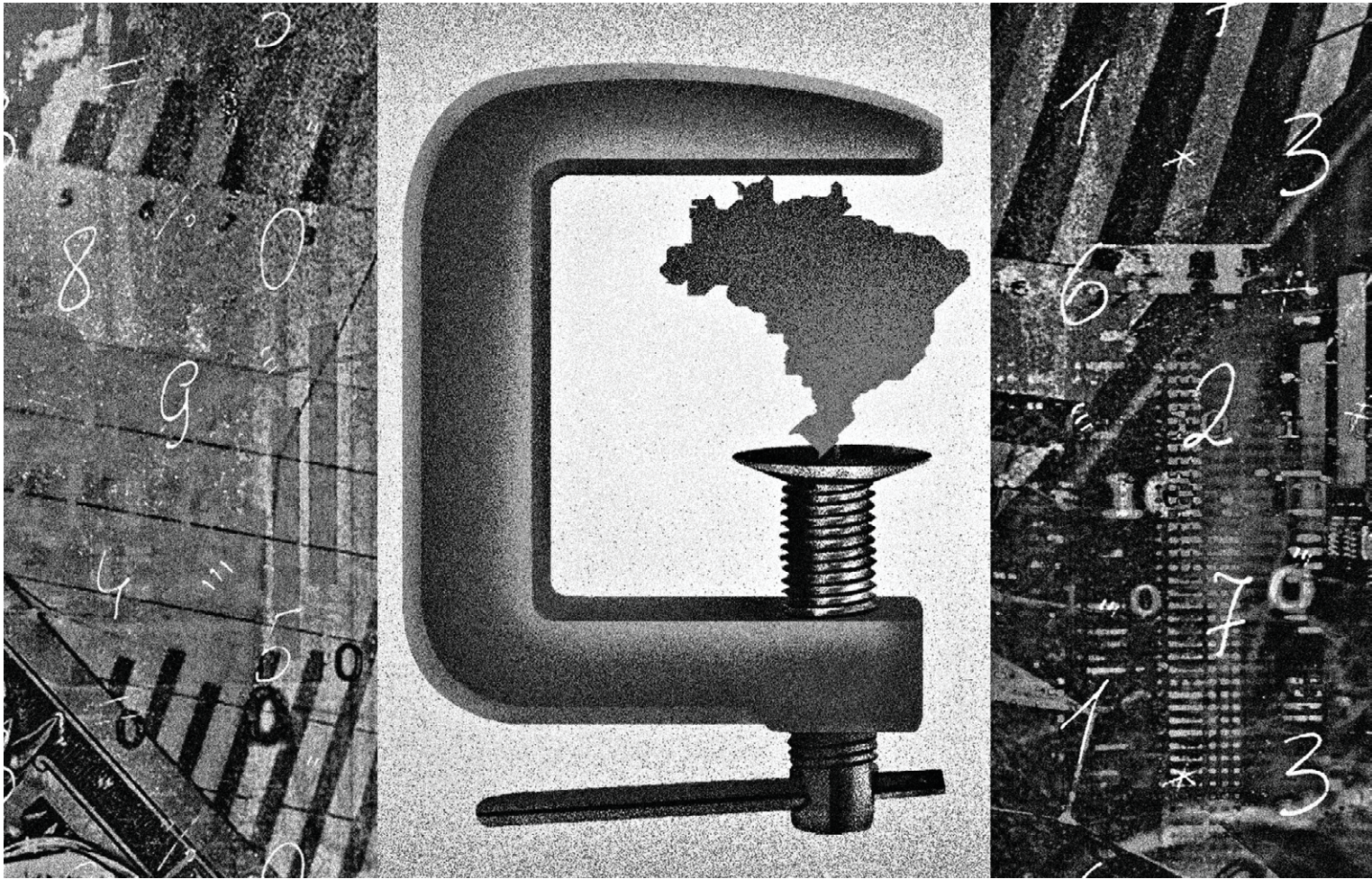
Mas o eleitor deve estar atento. Os melhores momentos da vida no Brasil vão terminar no dia seguinte da eleição. O preço dos combustíveis vai subir muito e, por consequência, a inflação deverá voltar a machucar os bolsos dos brasileiros. Bolsonaro adotou a mesma política. Mas ele foi candidato tão ruim que não conseguiu vencer, mesmo sangrando os cofres nacionais. O problema está nesse quesito. Os candidatos são fracos. Não apresentam novidades. Não levantam os olhos para a nova realidade do petróleo na fronteira norte do Brasil, o que dá oportunidade para rápido desenvolvimento daquela região. Não apontam ações para reindustrializar o país, nem desenharam planos efetivos para atacar o analfabetismo no país. O deserto se amplia.

Livro — Surgiu em Portugal livro muito interessante que une parte das histórias do Brasil e do país colonizador. Trata-se de **Portugal-Brasil, raízes do estranhamento**, Lisbon International Press, de Carlos Fino, jornalista português que passou boa temporada no Brasil na qualidade de assessor de imprensa da embaixada de seu país.

Carlos Fino tem uma trajetória profissional curiosa. Jornalista da Rádio e Televisão Portuguesa (RTP), cobriu a guerra no Iraque por intermédio de meios próprios de seu empregador. Foi direto para Bagdá e lá esperou a chegada das tropas norte-americanas. Ele viu da janela de seu quarto de hotel os blindados entrando na capital do Iraque. Mas os repórteres norte-americanos, que estavam embarcados nas tropas da invasão, foram silenciados pela censura imposta pelos militares. Ele foi, então, o primeiro jornalista a falar e documentar a invasão.

Essa peculiaridade lhe rendeu prestígio e contratos para cobrir a guerra, no idioma português, inclusive para órgãos da imprensa brasileira. Tempos depois, Carlos Fino desembarcou em Brasília onde serviu na Embaixada portuguesa. E aproveitou seu tempo para conhecer melhor a ex-colônia portuguesa. O livro nasceu do encontro e desencontro de perspectivas de um e outro país. Também fez curso de aperfeiçoamento na UnB.

O livro lembra importante momento das relações entre Brasil e Portugal depois que D. João VI se transferiu de Lisboa para o Rio de Janeiro. A antiga matriz passou a se perceber como colônia da colônia. Existiram correntes de pensamento político em Lisboa e Madri que advogavam a união de Portugal e Espanha. Uma troca de territórios. Portugal passaria a ser domínio da Espanha e a Província Cisplatina, atual Uruguai, seria propriedade do Império do Brasil. Portugal seria um império sul-americano e a Espanha, império ibérico. A ideia não prosperou, mas essa cogitação retrata o nível das ansiedades em Portugal, quando seu rei governava do Brasil. Essas tensões resultaram na Revolução do Porto, em 1820, o retorno de D. João VI a Portugal e, por último, a independência do Brasil.



Entre o cuidado e a desumanização



» MARIA ELISE RIVAS
Escritora, doutora em ciências da religião, sacerdotisa da Ordem Inicíática do Cruzeiro Divino

Em muitas casas religiosas, dizemos que ser pai ou mãe de santo é um chamado, um dom, um compromisso com o sagrado. Mas, por trás dessa imagem bonita, existe uma realidade dura: a desumanização de quem ocupa o cargo sacerdotal. Homens e mulheres, de diferentes origens, sentem o peso de estarem sempre disponíveis, sempre fortes, sempre prontas/os a segurar o mundo nas mãos. Ainda assim, é preciso reconhecer: esse peso se torna mais cruel quando recai sobre as lideranças femininas negras.

Pais e mães de santo são procuradas/os dia e noite: para aconselhar, acolher, ouvir desabafo, mediar conflitos, “dar um jeito” nos problemas da vida. A comunidade chega com a expectativa de encontrar ali uma força inesgotável, alguém que nunca adoce, nunca se cansa, nunca falha. As necessidades mais básicas: descanso, silêncio, cuidado com a própria saúde física e mental, são facilmente empurradas para o fim da fila.

Quando esses sacerdotes e sacerdotisas tentam colocar limites, muitas vezes entram na classificação de egoístas, frias/os ou como se tivessem menos comprometimento com a

espiritualidade. Falar de cansaço é interpretado como falta de fé. Dizer “não posso agora” vira sinal de fraqueza. Assim, a função é colocada acima da pessoa: a importância do cargo — por vezes — apaga a humanidade de quem o exerce.

Entre as mulheres que lideram terreiros e templos, essa dinâmica ganha camadas adicionais. Além das demandas espirituais e emocionais, costuma existir uma intensa sobrecarga doméstica e familiar, que raramente é dividida de forma justa. Espera-se que cuidem das/dos filhos, da casa, de parentes, do trabalho e, por fim, de toda a comunidade religiosa. A ideia de que “mulher nasceu para cuidar” entra no terreiro pela porta dos fundos, travestida de devoção.

São seres humanos maculados em sua saúde mental, emocional e comunitária, pois, apesar de cuidar de muitas/os, há pouca/os ou nenhum/a que tem preocupação real com seus cuidados, gerando um sentimento de solidão profundo em meio a uma multidão de pedintes.

Quando essa mulher é também marcada pela racialização, o cenário se torna ainda mais pesado. Há uma longa história que associa seu corpo e sua vida ao servir: na casa, na rua, no trabalho, na religião. O cuidado deixa de ser reconhecido como trabalho e passa a ser cobrado como obrigação. E, ao mesmo tempo em que se espera dela uma entrega ilimitada, sua dor é sistematicamente minimizada.

Nesse contexto, não surpreende que o número de casos de esgotamento extremo seja alto. Não estamos falando de mero cansaço, mas

de burnout: um estado de colapso físico, emocional e espiritual. Crises de ansiedade, doenças recorrentes, insônia, sensação de vazio perante a própria prática religiosa, vontade de desistir de tudo acompanhada de culpa profunda, esses sinais se repetem em muitos terreiros, embora ainda sejam pouco nomeados.

Esse adoecimento não é fruto de fragilidade individual, mas da forma como estruturamos as relações com o sagrado. Quando a comunidade procura seus dirigentes diuturnamente, como se fossem um serviço sempre ligado, sem qualquer reflexão sobre os limites dessas pessoas, contribui diretamente para o desgaste. A dor de quem busca ajuda é legítima, mas a forma como tratamos quem oferece essa ajuda precisa ser revista.

Humanizar o sacerdócio é reconhecer que ninguém é fonte infinita. Isso vale para todos os pais e mães de santo. Mas, no caso das lideranças femininas negras, é necessário ir além: enfrentar o machismo e o racismo que naturalizam a sobrecarga, redistribuir responsabilidades dentro da casa religiosa, abrir espaço para que elas falem de suas dores sem serem acusadas de não “segurem o axé”.

A desumanização leva ao burnout. E, quando uma liderança espiritual entra em colapso, não é apenas uma pessoa que sofre: toda a comunidade perde. Se queremos terreiros, templos e casas de fé fortes, precisamos aprender a cuidar de quem cuida. Permitir que sacerdotes e sacerdotisas sejam plenamente humanos não diminui o sagrado. Pelo contrário: é exatamente aí que ele se revela com mais verdade.

Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha // circecunha.df@dabr.com.br

Razão para viver

O precoce e crescente consumo de álcool por parte dos jovens brasileiros é mais do que um problema relegado apenas às estatísticas das entidades de saúde pública. O que está em questão nesse problema é a destruição de toda uma geração que poderia contribuir para o futuro do país. Esse é um problema que tem crescido e que parece não preocupar devidamente as autoridades, as escolas e mesmo as famílias. Os danos causados pelo consumo de álcool em uma fase da vida em que o próprio corpo e o cérebro ainda estão em desenvolvimento trazem complicações físicas e transtornos mentais que poderão se estender para o resto da vida, aumentando ainda mais um flagelo que já atinge muitos adultos em todos os países. Como pano de fundo dessa tragédia lenta, temos o número de estabelecimentos que vendem álcool no Brasil — são, de longe, os que mais são vistos em todas as partes das cidades, sejam elas capitais, sejam cidades do interior.

Em Brasília, não é diferente. Em cada quadra residencial, o número de bares indica que esse problema também é visível e parece crescer a cada dia. Dados recentes levantados pelo jornal *O Globo* indicam que quase 6% dos adolescentes do país apresentavam transtornos pelo uso de álcool. O pior é que 56% da população já consumiu bebida alcoólica antes da maioridade, sendo que 25,5% dos adolescentes começaram a beber regularmente antes dos 18 anos. Não se vê, em parte alguma, campanhas institucionais alertando para o vício em bebidas alcoólicas, nem mesmo nas escolas. O que parece é que o governo não leva a sério esse tipo de campanha.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o consumo de álcool é diretamente influenciado pela facilidade de acesso a bares, restaurantes, mercados, lojas de conveniência e depósitos de bebidas espalhados nos quatro cantos da cidade. Nesses lugares, raramente são pedidos comprovantes e documentos de maioridade. A fiscalização, quando existe, também não tem sido suficiente. A realidade diante desse descaso é que um em cada quatro adolescentes brasileiros já consumiu bebidas alcoólicas. De acordo com o Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (Lenad), o álcool é hoje uma realidade presente na vida dos jovens entre 14 e 17 anos. O que temos aqui é um problema sério de saúde pública. Médicos e especialistas são unânimes em reconhecer que o consumo de bebidas nessa fase da vida é o mais arriscado para o cérebro, provocando danos na cognição, no raciocínio, na memória, no fígado, nos rins, afetando negativamente e minando a saúde de cada órgão do corpo, levando o indivíduo à morte ou à loucura.

Para a economia do país, essa liberação geral traz ainda mais danos, com jovens lotando os hospitais por doenças ligadas ao álcool ou por acidentes incapacitantes decorrentes do consumo dessas bebidas. Mais de meio milhão de adolescentes fazem parte dessa estatística, e os números crescem a cada ano. Em nosso caso, o que se observa é que, quanto maior a oferta de bebidas e menor o controle por parte das autoridades, maior o consumo entre a população jovem.

É consenso ainda entre os especialistas que somente uma educação de base, voltada para o entendimento do problema, é capaz de minorar, não acabar, com esse problema. Países que também enfrentaram esse problema — como a Islândia, onde em 1989, 42% dos seus jovens bebiam grandes quantidades de álcool e consumiam tabaco e drogas, e hoje exibe um dado surpreendente, com esse percentual caindo para cerca de 5%, no espaço de poucos anos. Lá, as autoridades compreenderam que a proibição não funcionava e partiram para transformar o ambiente em que os jovens cresciam. Havia uma falta de conexão e de atividades significativas, somada a falta de tempo com a família, menos sentimento de pertencimento e longos períodos sem supervisão. Era preciso voltar atrás e investir numa infância mais rica e cheia de experiências positivas. O governo passou, então, a apoiar atividades como esportes, música, artes, dança, natação e outras atividades. Os pais também foram convocados para esse esforço, fazendo refeições juntos, se informando sobre a rotina dos filhos, participando do dia a dia deles. Esse programa exitoso começou onde deveria ter começado desde o início: dentro da família. Sem esse tipo de suporte, não há esperança.

Parece que a família não é uma realidade atrasada. É o gancho para a ordem e o progresso onde haja alegria de viver. É disso o que precisamos.

» A frase que foi pronunciada

“Lar não é só de onde você vem, é onde você encontra luz quando tudo escurece.”

Pierce Brown

» História de Brasília

Aliás, que eles, voluntariamente, passaram a preferir a nacionalidade italiana, nos dá bem conta esta notícia publicada no O Estado de São Paulo de 23 do corrente (telegramas da AFP, UPI e AP): “Os elementos “oriundos” da seleção italiana — Mazzola e Sormani —, brasileiros e Savori e Maschio, argentinos, são unânimes em afirmar que não existem distinções na delegação italiana e todos somos italianos, de acordo com a lei de nosso país, e viemos à América do Sul com o fim de dar nosso melhor esforço à Itália.”(Publicada em 25/5.1962)